

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**BEATRIZ BARBOZA CAVALCANTI
NORMA F. MARINHO**

**AS DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA COM O ALUNO DISLÉXICO**

Rio de Janeiro

2021.1

**AS DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA
COM O ALUNO DISLÉXICO**

**THE DIFFICULTIES IN THE DEVELOPMENT OF PEDAGOGICAL PRACTICE
WITH THE DYSLEXIC STUDENT**

Beatriz Barboza Cavalcanti

Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Norma F. Marinho

Prof. Me em Ciências Pedagógicas

RESUMO

A dislexia é um transtorno de aprendizagem de origem neurobiológica que interfere diretamente na aprendizagem de leitura e escrita. Dificuldade na aquisição e fluência da leitura e escrita, déficit no processamento fonológico e baixo desempenho acadêmico, apesar de um desenvolvimento dentro dos padrões de normalidade para a idade cronológica, são as características mais comuns desse transtorno. O artigo trabalha objetivos como a importância e as dificuldades de um diagnóstico precoce em crianças, principalmente durante o ensino fundamental, o despreparo do profissional da educação básica e o desenvolvimento de estratégias junto a esse aluno. Ainda que não caiba ao docente o diagnóstico de uma criança com dislexia, é de extrema importância que o profissional esteja atento aos sinais do transtorno que começam ainda na educação infantil, apesar de até os oito (8) anos de idade a equipe multidisciplinar que atenderá aquele aluno trabalhará apenas com a hipótese de diagnóstico, porque até essa idade o aluno ainda encontra-se em processo de alfabetização. Sabendo-se que a dislexia é um transtorno que pode ser ocasionado por fatores genéticos ou neurológicos e por isso não possui cura, mas existem meios de estimular o abrandamento em casos mais graves. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pela qual buscou-se recolher importantes dados e informações a respeito do tema, com o intuito de alcançar os objetivos traçados. Sendo a dislexia um transtorno que acomete cerca de 7 a 10% das crianças em idade escolar, com esse artigo conclui-se a importância do diagnóstico precoce e a importância do preparo do profissional da educação básica, para que o aluno disléxico possa receber a sua intervenção de maneira correta, além da necessidade de um olhar atento e carinhoso com aquele aluno.

Palavras-chave: Dislexia, transtorno de aprendizagem e alfabetização.

ABSTRACT

Dyslexia is a learning disorder of neurobiological origin that directly interferes with learning to read and write. Difficulty in the acquisition and fluency of reading and writing, deficit in phonological processing and poor academic performance, despite a development within the normal range for the chronological age, are the most common characteristics of this disorder. The article works on objectives such as the importance and difficulties of an early diagnosis in children, especially during elementary school, the lack of preparation of the basic education professional and the development of strategies with this student. Although it is not up to the teacher to diagnose a child with dyslexia, it is extremely important that the professional be aware of the signs of the disorder that begin in early childhood education, despite the multidisciplinary team that will serve up to eight (8) years old. that student will work only with the diagnosis hypothesis, because until that age the student is still in the literacy process. Knowing that dyslexia is a disorder that can be caused by genetic or neurological factors and therefore has no cure, but there are ways to stimulate relaxation in more severe cases. For this, a bibliographic research was carried out, through which we sought to collect important data and information about the subject, in order to achieve the outlined objectives. As dyslexia is a disorder that affects about 7 to 10% of school-age children, this article concludes the importance of early diagnosis and the importance of preparing basic education professionals, so that dyslexic students can receive their intervention in a correct manner, in addition to the need for an attentive and affectionate look at that student.

Keywords: Dyslexia, learning and literacy disorders.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo iniciar uma discussão a respeito das dificuldades na realização de práticas pedagógicas com o aluno que possui dislexia.

Sabe-se que a dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica que se dá pela dificuldade do desenvolvimento de consciência fonológica, podendo ser hereditária ou adquirida. A dislexia é conhecida como a primeira dificuldade de aprendizagem e, apesar disso, ainda hoje se conhece tão pouco a respeito do tema e por muitas vezes o discente é tratado como incapaz de aprender.

Este estudo pretende apontar a importância de uma educação inclusiva, tendo em vista que nenhuma criança é incapaz de aprender, mas cada uma possui seu ritmo e tempo específico de aprendizagem, reforçando que a educação inclusiva só se constrói com uma escola envolvida com sua comunidade escolar, professores e gestão em comum acordo, e também a inclusão familiar desses alunos. Todavia, sabe-se que muito do tabu gerado a respeito da educação inclusiva existe por conta do despreparo profissional do professor, evidenciando-se então a real necessidade de uma escola com uma boa gestão, que invista na capacitação profissional com uma formação continuada e orientação para os profissionais dessa área e a família desse aluno que será incluso.

Sendo assim, durante esta produção científica foram trabalhados temas como características e importância do diagnóstico precoce da dislexia, além do despreparo do profissional da educação básica, e o desenvolvimento de estratégias atuando junto a esse aluno.

Está apresentada dentro deste artigo a complexidade do processo de identificação e desenvolvimento de práticas pedagógicas com o aluno disléxico no ambiente escolar, pontuando dificuldades dos profissionais da educação básica para o trato e desenvolvimento de práticas com o aluno disléxico e identificando a dificuldade para que o aluno receba o tratamento adequado;

Neste trabalho buscou-se traçar estratégias para o diagnóstico precoce e desenvolvimento de práticas pedagógicas junto ao aluno disléxico. Justificando a

importância desse estudo pela necessidade que a pesquisadora sentiu em compreender o processo de identificação e desenvolvimentos de práticas pedagógicas junto ao aluno disléxico e as dificuldades da inclusão.

Para a elaboração deste estudo foi utilizado como metodologia uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, utilizando-se de autores com enfoque para a elaboração de estratégias junto ao aluno disléxico e a dificuldade dos professores da educação básica no atendimento ao aluno disléxico.

O estudo teve também o intuito de fomentar uma discussão a respeito da melhoria para o desenvolvimento de práticas pedagógicas com o aluno disléxico, salientando a importância das práxis pedagógicas e uma formação continuada para o profissional da educação básica. Com isso, procura-se ressaltar a necessidade de um diagnóstico precoce para que o aluno possa receber o auxílio necessário, além da orientação aos responsáveis daquela criança e colaboração por parte dos mesmos.

Portanto, acredita-se que o presente trabalho possa auxiliar todo o corpo docente e a equipe pedagógica de uma escola, contribuindo para uma reavaliação dos conteúdos, métodos e práticas, pensando sempre no melhor desenvolvimento para aquele aluno, restando portanto a pergunta:

Até que ponto o professor da Educação Básica (séries iniciais) encontra-se preparado para atuar junto ao aluno disléxico?

Os profissionais de educação encontram grandes dificuldades na percepção do aluno com dislexia e com o desenvolvimento de práticas pedagógicas individualizadas para os mesmos. Para que esse cenário seja modificado, é preciso que ocorram investimentos no processo de formação continuada do docente, para que então o mesmo possa atuar desenvolvendo atividades pedagógicas individualizadas com esse aluno. O currículo precisa ser readaptado e se faz necessário que o professor desenvolva a sua práxis, e em alguns casos esteja aconselhando a família do aluno para a necessidade de um acompanhamento específico, dando o suporte necessário à equipe multidisciplinar que irá atender ao aluno.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento deste artigo, buscou-se compreender o que é a Dislexia e as dificuldades do docente no desenvolvimento de práticas pedagógicas com o educando que é acometido por este transtorno neurológico.

Na obra “O Dom da Dislexia: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender.” (2008), o autor Ronald D. Davis, que também é disléxico e autista, procura durante toda a sua obra passar para o leitor da forma mais didática possível o que é a dislexia e porque muitas vezes os métodos mais tradicionais não funcionam com essas crianças. O autor também conta sobre bullying e suas dificuldades durante o seu período de alfabetização, muitas vezes cometidos até mesmo pela sua própria professora.

Hoje Davis possui um instituto na Califórnia dedicado a pesquisas e estudos sobre métodos facilitadores para pessoas com dislexia. Davis procura a todo momento ressaltar a importância de destacar no disléxico as suas qualidades e inteligências, fundamentando-se sempre nos aspectos positivos daquele aluno. Esse é o grande diferencial dos tradicionais métodos que buscam a repetição e memorização.

Esta pesquisa também utilizou como fundamentação a dissertação de mestrado das autoras Mônica Maria Siqueira Damasceno e Annatália Menezes de Amorim Gomes “Transtornos de Aprendizagem na visão dos Professores”. (2014), onde as autoras procuram destacar que a aprendizagem é um processo contínuo, tendo sua particularidade em cada fase e esse processo pode se dar de forma tranquila ou mais conturbada. Dessa forma, as autoras procuram afirmar a importância do olhar atento que é necessário ao professor para que o mesmo possa estar percebendo as características dos Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem que possam aparecer. Ressalta-se também a relevância de estratégias traçadas pelo professor voltadas para o aluno com dificuldade no processo de aprendizagem.

Durante a dissertação é evidenciada a vontade que os docentes têm de realizar um trabalho diferenciado com aqueles alunos. Ainda na pesquisa as professoras

também relatam que o maior desafio dentro da sala de aula é desenvolver um trabalho com as diferenças daquele ambiente. Diferenças que envolvem uma estrutura social, econômica e até mesmo os diferentes níveis de aprendizagem.

Outra obra utilizada para contribuir no desenvolvimento desta pesquisa é a obra de Therezinha G. Miranda e Teófilo Alves G. Filho “O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.” (2012), que tem como questão central fomentar uma discussão acerca da intencionalidade dos lugares de formação e atuação do professor a respeito da educação inclusiva. Os autores reconhecem que a inclusão envolve questões epistemológicas, políticas, culturais, sociais, entre outras. Por isso, afirmam que uma escola inclusiva se constrói numa dinâmica com a comunidade escolar em seu entorno, e por vezes se envolvendo até em questões sociais mais amplas.

A obra também cita Fávero (2009) quando os autores concordam que educação inclusiva é resignificar-se na sua própria prática docente, criando contextos de desenvolvimento da prática que utilizem a criança como centro do processo de ensino-aprendizagem, e não utilizando-se apenas da transmissão de conhecimento e construção de conceitos estereotipados. A magia da obra está na facilidade que ela consegue tratar tanto o aluno quanto o professor como o centro de toda a questão da educação inclusiva, quando relaciona a formação docente, práticas pedagógicas e os lugares onde podem ocorrer tais práticas e a sua importância.

Utilizou-se também a obra “O professor e a dislexia”, (2012), de Mauro Muszkat e Sueli Rizzutti para que fosse pontuado as dificuldades da prática pedagógica dentro da sala de aula com o aluno disléxico, reforçando a necessidade da práxis pedagógica como um hábito constante ao profissional. De didática simples, o livro foi de importância fundamental para auxiliar o desenvolvimento desta pesquisa.

Em poucas páginas a obra faz uma ambientação da história da leitura e escrita, a importância de ambas e o surgimento da escrita como principal meio de comunicação, derivada da necessidade humana em se comunicar e obter seus registros históricos, trazendo também como ocorre o desenvolvimento da fala e leitura, tudo o que está envolvido nesse processo e o que deve ser esperado, ou não, das crianças de acordo com suas respectivas faixa etárias. Relacionando a dislexia como transtorno

neurobiológico que pode e necessita ser diagnosticado precocemente, são pontuadas sugestões para pais e professores e como devem lidar ou agir frente a tal situação visando contribuir para a diminuição da taxa de evasão e repetência escolar, em um país como o Brasil, onde cerca de 10 milhões de crianças possuem dificuldades de aprendizagem, sendo grande parte disléxicos não identificados.

Durante o desenvolvimento também desfruta-se da autora Newra Tellechea Rotta em duas de suas obras. A primeira é “Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar” em organização com Lygia Ohlweiler e Rudimar dos Santos Riesgo. Focando a atenção para o capítulo onze (11) que é elaborado por Newra T. Rotta e Fleming S. Pedroso, abordando o tema “Transtorno da linguagem escrita: Dislexia”. Dentro desse capítulo os autores buscam definir a dislexia, correlacioná-la com a leitura, evidenciar suas causas, classificações e até mesmo áreas do cérebro envolvidas na disfunção neurobiológica.

Já a segunda obra utilizada da autora Newra T. Rotta é em colaboração com César Augusto Bridi Filho e Fabiane Romano de Souza Bridi, intitulando-se de “Neurologia e aprendizagem: abordagem multidisciplinar”. Nessa obra o enfoque está voltado para o capítulo quatorze (14), que é escrito por Asta Altreider, “Dislexia: *varlando* contra o vento”. O capítulo busca introduzir um pouco da história da dislexia e como despertou interesse em médicos e pesquisadores na época do seu surgimento, indo de encontro à atualidade evidenciando quais os sintomas da dislexia em sala de aula, as comorbidades do transtorno e até mesmo o processo do diagnóstico.

Ambos os livros são do ano de 2016 e elaborados por fonoaudiólogos, neurologistas, psicólogos, psicopedagogos, e pedagogos, formando então uma equipe multidisciplinar para esclarecer com linguagem simplificada os principais pontos e observações sobre a dislexia e seu contexto, meios de intervenção e abordagens multissensoriais, além de tratar de diversos outros aspectos.

Para a pesquisa bibliográfica utilizou-se também o livro “Dificuldades específicas de aprendizagem.” De Diane Hudson, do ano de 2019, traduzido por Guilherme Somme. O capítulo que aborda a dislexia busca utilizar-se de uma linguagem clara para abordar principais estratégias que o professor pode utilizar dentro de sala de aula junto

ao aluno disléxico. Buscando esclarecer o que é o transtorno, como identifica-lo e os principais indicadores.

1. DISLEXIA NO CONTEXTO HISTÓRICO

Para situarmos a dislexia historicamente, primeiro devemos falar sobre a escrita. Ao longo da evolução, a humanidade buscou maneiras de se comunicar, e devido a essa necessidade temos o surgimento da escrita e leitura. Em relação à leitura, Rotta e Pedroso (2016) dizem que “a leitura, de forma restrita, refere-se à interpretação de sinais gráficos que uma comunidade convencionou utilizar para substituir os sinais linguísticos da fala...”

Por volta de 4000 e 3000 a.C, entre os povos sumérios, situados na antiga Mesopotâmia (atual Iraque), desenvolveu-se a escrita cuneiforme, conhecida por utilizar a cunha (ferramenta de madeira dura, ou metal, com formato de cone) para marcar sinais gráficos em argila.

A fase inicial da escrita na pré-história tinha como principal função retratar o dia a dia do povo, esboçando assim transações comerciais, financeiras e leis. Dessa forma eles utilizavam aproximadamente 2.000 símbolos para realizar desenhos em tábuas de argila. Baseando-se no princípio de uma palavra-um símbolo, sendo assim um sistema de escrita logográfico (*logos* que vem do grego, significa palavra).

O sistema atual de escrita é alfabético, e todos os alfabetos modernos descendem da versão grega, evoluindo posteriormente com os romanos. O alfabeto foi criado por volta de 1000 a.C, quando os gregos tomaram o sistema de escrita silábica dos fenícios, e esse sistema consiste em usar uma letra para cada som distinto na língua falada.

Com isso, pode-se observar que o sistema de escrita está sempre em constante mudança. Ainda hoje é possível observar isso através da globalização e o uso de

ferramentas tecnológicas, na qual as redes sociais têm seu próprio sistema de escrita, utilizando-se de símbolos, gírias e abreviações para comunicação social.

Com a evolução do alfabeto grego, trouxe-se também a utilização de uma ortografia cujo o grau de complexidade é uma grande fonte de dificuldade para a alfabetização de crianças. De acordo com Morais (apud MUSZKAT, RIZZUTI, 2012): “...a razão principal de fracasso parece ser a dificuldade apresentada por certas crianças, mesmo em línguas com ortografia quase inteiramente regular...”.

Com isso, origina-se o surgimento de transtornos de leitura e escrita, que hoje é conhecido por dislexia.

Para os autores Rotta e Pedroso (2016), o termo “dislexia” foi utilizado pela primeira vez em 1872, por Berlin e posteriormente por Kerr. Já em 1896, Morgan (apud ROTTA, PEDROSO, 2016) publicou um estudo sobre um adolescente incapaz de ler, embora ao ser avaliado cognitivamente fosse observado que o mesmo teria condições normais. Chamou-se então essa peculiaridade de “cegueira verbal”. Já anos depois, em 1907, Stevenson reutiliza essa terminologia ao realizar um estudo com uma família onde seis membros apresentam casos de “cegueira verbal”.

Somente em 1917, com Hinshelwood (apud ROTTA, PEDROSO, 2016), a expressão “dislexia” retorna, ao se deparar com um paciente de Inteligência normal que apresenta dificuldade em ler e escrever. Concluindo então que a causa mais provável desse distúrbio seria um defeito congênito no cérebro, que afeta a memória visual de palavras e letras.

Já em 1925, Orton (apud ROTTA, PEDROSO, 2016) se dedicava aos estudos dos transtornos de aprendizagem e as crianças com dificuldade em leitura eram frequentemente encaminhadas ao hospital psiquiátrico nos Estados Unidos da América.

Em 1928, Orton (apud ROTTA, PEDROSO, 2016) publicou um trabalho clínico onde constatava que muitas crianças faziam inversões e imagens espelhadas de letras e palavras. Sugeriu-se então que o fenômeno seria uma condição de “estrefossimbolia”, relacionando-se a imagens competitivas nos hemisférios cerebrais, com dificuldade de estabelecer uma dominância cerebral unilateral. A referência a esses símbolos invertidos ainda é aceita até hoje, sendo um dos principais sinais para o diagnóstico de dislexia.

Orton seguiu os estudos e pesquisas clínicas nessa área e estudou uma família de disléxicos. Encontrou algumas alterações, como a escrita em espelho e pontuou o possível aspecto genético para a dislexia. Em 1930, corroborando com Apert e Poltz (apud ROTTA, PEDROSO, 2016), Orton denomina a dislexia da criança como “dislexia de evolução”, sugerindo dessa forma a dificuldade na dominância unilateral do cérebro. Contudo, somente em 1950 Halgrren (apud ROTTA, PEDROSO, 2016) publica um estudo que chamou de “dislexia específica”, substituindo dessa forma o termo “cegueira verbal”.

2. O QUE É A DISLEXIA?

A dislexia do desenvolvimento é comumente descrita como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizado por falhas na aquisição da leitura, apesar da inteligência e escolarização normal e oportunidades socioeconômicas adequadas. De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) caracteriza-se como:

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. (Associação Brasileira de Dislexia, 2016.)

A etimologia da palavra dislexia deriva-se do grego, onde *Dis* significa dificuldade e *Lexis* significa palavra. Então, o termo “dislexia” significa *dificuldade com palavras*. Tratando dessa forma a dislexia como um transtorno que está ligado diretamente ao desenvolvimento da habilidade de leitura, escrita e ortografia. Muszkat, Rizutti (2012), apontam como “um transtorno de leitura e escrita que têm alta prevalência, entre 7% a 10% das crianças em idade escolar”.

A Organização Mundial da Saúde (2012), também define a dislexia como: “um distúrbio na aprendizagem, que está especificamente ligado à leitura, não explicada por déficit de inteligência e outros tipos de problemas sensoriais, sociais ou emocionais, visual ou auditiva.” (RIZZUTTI, MUSZKAT, 2012, p.14)

Pode-se afirmar portanto que a dislexia é uma disfunção que afeta a escrita e leitura (acima do esperado para a idade cronológica), juntamente com a dificuldade de soletração e decodificação de palavras, apesar do indivíduo apresentar inteligência normal sem uma característica visível tal influência, como afirma a World Federation of Neurologists:

A dislexia do desenvolvimento é o transtorno em que a criança, apesar de ter acesso à escolarização regular, falha em adquirir as habilidades de leitura e soletração que seriam esperadas de acordo com o seu desenvolvimento intelectual. (World Federation of Neurologists apud RIZZUTTI, MUSZKAT, 2012, p.15)

De acordo com os autores Muszkat, Rizzuti (2012), a definição do National Institute of Health trata a dislexia como um transtorno específico de linguagem de origem constitucional e caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas, refletindo na dificuldade no processamento e manipulação da estrutura sonora das palavras (processamento fonológico).

É necessário entender que transtorno de aprendizagem, ou dificuldade de aprendizagem específica (DAEs) é diferente de distúrbio de aprendizagem. DAEs entende-se como uma disfunção neurobiológica, com uma possível causa genética e que não possui cura. Sendo necessário que os alunos encontrem estratégias alternativas de enfrentamento. Conforme exposto por Hudson (2019), são exemplos clássicos de transtorno: TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade); Dislexia; TEA (Transtorno do Espectro Autista). Distúrbios de aprendizagem ocorrem em situações mais pontuais, podendo ocorrer por causas externas ou internas vividas pelo aluno. Podem ocorrer por dificuldades pessoais (separação dos pais, doença etc.), ou circunstâncias ocasionais (situação de pandemia mundial).

Embora as dificuldades em decodificar palavras isoladas, ou entender o sentido global de um texto sejam esperadas de acordo com determinada idade, ou desenvolvimento de habilidades cognitivas, de acordo com dados estatísticos divulgados em 2018 pela ABD, que avaliou estudantes de 2013 a 2017, cerca de 40% dos avaliados apresentaram dislexia, sendo em 67% dos casos disléxicos do sexo masculino.

3. DIAGNOSTICANDO A DISLEXIA

De acordo com Altreider (2016), o diagnóstico é feito por intermédio de uma equipe multidisciplinar. A equipe deve ser liderada por um médico neuropediatra, seguido por fonoaudiólogos e psicopedagogos especialistas que vão interferir terapêuticamente no processo de aprendizagem. Serão esses profissionais que levantarão a hipótese de dislexia ou qualquer outro transtorno de aprendizagem elaborando então um laudo técnico para o aluno. Auxiliando a equipe multidisciplinar temos os professores, que são os profissionais que estão no convívio diário com aquele aluno e sua família, que poderá fornecer importantes informações como por exemplo, a probabilidade de uma estrutura genética favorável à dislexia.

Depois do resultado desse diagnóstico a criança poderá ser submetida a audiometria para avaliações do Processamento Auditivo Central (PAC) e treinamento auditivo em cabine. Tais testes, de acordo com a ABD (2016), auxiliam o aluno à compreensão de fala. Visto que muitos possuem problemas com ruídos e sons, características comumente presentes em salas de aula ou qualquer outro ambiente de convívio social.

A escola é um espaço de desenvolvimento e aprendizagem diária, então é nesse local que normalmente o aluno potencialmente disléxico começará a dar evidências do transtorno, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

4. A IDENTIFICAÇÃO DA DISLEXIA NA CRIANÇA EM IDADE ESCOLAR

Compreendendo o que foi dito acima, a criança com a probabilidade disléxica apresentará importantes características do seu transtorno no ensino fundamental. Contudo, indícios podem ser apresentados ainda na educação infantil, por se tratar de um transtorno que afeta diretamente a leitura, escrita e ortografia. Até o 3º ano do ensino fundamental anos iniciais, quando o aluno normalmente está com 8 anos,

trabalha-se apenas com a hipótese de diagnóstico, haja vista que o aluno ainda se encontra em processo de alfabetização durante esse período e alguns atrasos na linguagem sofrem correção espontânea ao longo do desenvolvimento.

De acordo com Altreider (2016), durante a educação infantil o aluno potencialmente disléxico pode apresentar dificuldade ou atraso na oralidade; dificuldade na memória fonológica; dificuldade em nomear pessoas, cores e objetos; além do desinteresse por letras; dificuldade em aprender rimas e canções, atraso na coordenação motora, entre outras características. Já o ensino fundamental é crucial para a identificação do transtorno. Normalmente a suspeita para o diagnóstico vem de uma discrepância entre a boa capacidade oral do aluno e a baixa qualidade de desenvolvimento na hora da leitura ou escrita.

Para Hudson (2019) é importante observar alunos que apresentam características como leitura lenta e imprecisa; alunos que não compreendem o que leram, pois estão concentrados em decifrar as palavras, dessa forma perdendo o sentido geral do texto; substituição de palavras ou letras que sejam parecidas, ou iniciem-se com a mesma letra; inversão de letras ou números durante a leitura; escrita lenta; dificuldade para a compreensão fonológica (ouvir o som das palavras); baixa qualidade de produção ortográfica e pontuação; etc.

É necessário também estar atento ao desinteresse pelo conteúdo por parte do aluno. Um transtorno que afete diretamente a leitura do aluno é uma carga emocional muito grande, pois essa é a principal atividade da criança que está sendo alfabetizada. A dislexia estimula a baixa autoestima, que por muitas vezes pode ser confundida com o desinteresse pelo que foi ensinado. É preciso ter cuidado porque com o avanço das séries e do processo de alfabetização, o aluno vai percebendo que não consegue realizar as atividades de leitura e escrita da mesma maneira que seus colegas. Com isso, a medida que o aluno cresce, ele passa a odiar a escola e tudo que está relacionado a ela. Esse sentimento pode solidificar-se como uma aversão à escola, desenvolvendo-se a ideia de que seja impossível para o aluno aprender, sendo esse um grande fator de risco para propiciar a evasão escolar.

É importante ressaltar que a dislexia é um transtorno que não costuma vir desacompanhado. Altreider (apud ROTTA e PEDROSO, 2016) afirma que na realidade, é mais provável que encontremos situações em que a dislexia esteja associada a outros transtornos. A autora também afirma que um indivíduo com dislexia tende a ser altamente prejudicado pelos fatores socioemocionais, além de por diversas vezes a criança também ser acometida por outro transtorno, como por exemplo, o TDAH. Com a presença do TDAH é ainda mais relevante um diagnóstico precoce, pois um aluno com características da hipo ou hiperatividade, pode facilmente ser confundido com uma criança desinteressada.

Portanto, somando-se a essas outras características, um fator importante a ser considerado para o diagnóstico do aluno potencialmente disléxico, é a probabilidade genética. Essa que costuma ser uma característica comumente presente em diagnósticos de dislexia, uma vez que estudos apontam que em cerca de 50% dos casos de diagnóstico com dislexia, pais ou irmãos da criança possuem o transtorno.

5. OS TIPOS E AS CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA

Compreendendo-se que a dislexia é um transtorno de origem neurobiológica, é necessário pontuar algumas características. De acordo com Muszkat, Rizzutti (2012), a dislexia tem predomínio no sexo masculino, forte fator genético e frequentemente associa-se a distúrbios de linguagem, apesar do desenvolvimento neurológico em testes ser normal, apresentando somente alterações relacionadas a linguagem.

As alterações mais significativas ao exame são aquelas relacionadas às provas gráficas, mostrando-se frequentemente erros por trocas surdo-sonoras, acréscimos, inversão ou reversão silábica, equivalência fonética, encurtamento de palavras, soletração bizarra, signos retorcidos (estrefossimbolia), substituição fonético-semântica nos ditados, leitura labial e apoio articular mesmo quando em leitura silenciosa. (MUSZKAT, RIZZUTI 2012 p. 38 e 39)

Sabe-se que o processo de linguagem relaciona-se ao desenvolvimento de quatro sistemas: o pragmático, fonológico, semântico, e gramatical morfológico (sintático). De acordo com os autores Muszkat, Rizzutti (2012) o sistema fonológico e gramatical conferem forma a linguagem, enquanto o sistema pragmático dita a forma como a linguagem deve ser adaptada às situações sociais específicas, passando emoção e enfatizando o significado, já o semântico confere às palavras os seus significados.

O processo de linguagem é extenso e complexo, envolve diversos neurônios em diferentes regiões do cérebro e desenvolve-se ao longo da vida. Qualquer dificuldade de linguagem na criança pode afetar as suas quatro áreas de desenvolvimento (pragmática, fonológica, semântica e sintática). Além de envolver também a memória e coordenação motora.

Crianças com dislexia comumente apresentam dificuldade no desenvolvimento da consciência fonológica, que pode ser influenciado pela idade e escolaridade. Mas o que seria a consciência fonológica? Esta constitui-se como uma habilidade metalinguística de domínio e compreensão sobre a linguagem oral e sua utilização, como por exemplo: compreensão de palavras, sílabas e rimas. Tal habilidade é fundamental para a leitura, pois permite compreender que palavras podem ser divididas em sílabas e sílabas em fonemas. Por isso, a consciência fonológica é um dos fatores diretamente associado ao sucesso na aprendizagem da leitura e escrita. De acordo com Muszkat, Rizzutti (2012, p. 37) “Além de um déficit de processamento fonológico, podemos inferir que o processo de aprendizagem não é o mesmo para todas as crianças e que o fracasso e sucesso dependerão também de fatores individuais.”

Alguns fatores individuais e de risco podem ser observados ainda precocemente na criança, como: além da dificuldade na consciência fonológica, problemas na oralidade em alguns casos, e posteriormente a dificuldade no reconhecimento das letras e palavras, desse modo comprometendo a leitura. Ainda de acordo com Muszkat, Rizzutti (2012), cerca de 30% a 70% dos casos de dislexia estão associados a comorbidades, como TDAH, discalculia, disgrafia, dessincronia (inabilidade de reprodução rítmica), desorientação nos sentidos de direita-esquerda, dificuldade na

realização de tarefas manuais sequenciais e fatores socioemocionais (crianças com dislexia costumam apresentar quadros de depressão e ansiedade).

Todavia, há de se ratificar que disléxicos costumam se destacar em conteúdos que não necessitam especificamente da leitura, como: informática, raciocínio, artes, biologia e até mesmo matemática. São também indivíduos extremamente criativos, intuitivos, conscientes em questões ambientais e possuem maior habilidade para o pensar em imagem, de acordo com Davis (2004). O autor também cita importantes personalidades famosas que apresentam dislexia: Albert Einstein, Charles Darwin, Walt Disney, Winston Churchill, Henry Ford, Leonardo da Vinci, Vincent van Gogh, entre muitos outros. O físico teórico Albert Einstein (apud ROTTA, PEDROSO, 2016, p.135) relata “Quando leio somente escuto o que estou lendo e sou incapaz de lembrar da imagem visual da palavra escrita.”.

Dito isto, pode-se observar que a dislexia é um transtorno complexo e que se apresenta com características diferentes em cada indivíduo. A única característica comum é a dificuldade nas habilidades de leitura e escrita. Portanto, para Muszkat, Rizzutti (2012) a dislexia pode ser subdividida em dois tipos principais: fonológica e viso espacial, caracterizando-as como:

- Dislexia fonológica: a criança escuta bem, mas desenvolve problemas na decodificação fonética. Dificuldade na discriminação e síntese dos sons, não ocorrendo então a assimilação dos fonemas. Exemplo: troca de letras e dificuldade em soletrar palavras.

- Dislexia viso espacial: problemas com a percepção visual e habilidades espaciais. Exemplo: dificuldade com cópias; escrever palavras e sílabas juntas.

Para Boder (1973 apud MUSZKAT, RIZZUTTI, 2012) existiam três subgrupos de disléxicos: o disfonético, que caracterizava-se por um déficit nas habilidades de análise auditiva; o diseidético, esse configurava-se por um déficit na rota visual, criando uma dificuldade com palavras irregulares; e por último o aléxico, que representa os indivíduos com dificuldade tanto nas habilidades auditivas quanto nas visuais, sendo o grupo mais comprometido.

Com isso, pode-se compreender que há diversas nomenclaturas para as mesmas características relacionadas aos subtipos da dislexia, onde cada uma procura evidenciar qual mecanismo do neurodesenvolvimento foi prejudicado predominantemente em cada caso.

6. O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO ALUNO DISLÉXICO

Em concordância com Davis (2004), sabe-se que os disléxicos pensam de forma diferente. São indivíduos inteligentíssimos, muitas vezes com o QI superior ao de alunos considerados “normais”. Extremamente intuitivos, que visualizam melhor por imagem e excelentes em resolução de problemas, além de um raciocínio lógico apurado. Entretanto, ainda são crianças que possuem uma dificuldade específica de aprendizagem.

A falta de informação por parte dos professores a respeito da dislexia, e de diversos outros transtornos, ainda gera muito tabu dentro do ambiente escolar. Impossibilitando que aquele aluno que precisa de um atendimento diferenciado seja assistido. Muitas vezes a dislexia é esquecida dentro do contexto escolar, trazendo rótulos para aquele aluno que aparenta ser “desinteressado”. O político Winston Churchill (apud ROTTA, PEDROSO, 2016, p.133) afirma “Fui totalmente desestimulado em meus dias de escola. E nada é mais desencorajador do que ser marginalizado em sala de aula, o que nos leva a sentirmo-nos inferiores em nossa origem humana.”.

Em qualquer sala de aula haverá diversos estudantes e múltiplas personalidades. Cada um com a sua própria vivência, habilidades acadêmicas, pontos de destaque, ou não, e suas próprias preferências de aprendizagem. Sabe-se que o docente normalmente não é um profissional especialista da área, e não necessita ser, mas é fundamental que ele tenha um olhar atento e não ignore o aluno disléxico em sua situação diferenciada, porque essa ainda é a maior dificuldade que aquela criança enfrenta: a falta de empatia. É importante estar atento, pois o professor é o profissional

que convive diariamente com o aluno potencialmente dislético e que poderá conceder informações cruciais à equipe multidisciplinar que estará envolvida com o atendimento àquela criança.

Para conceituar a aprendizagem, é indispensável que o docente compreenda primeiramente que esse processo é algo individual, e não ocorre somente dentro da sala de aula. O sucesso não acontece da mesma maneira com duas crianças, nem mesmo as dificuldades serão as mesmas. Cada discente possui seu ritmo específico e desenvolve-o a sua maneira. Deve-se lembrar que nem sempre todos os alunos que apresentam sintomas parecidos ou iguais à dislexia realmente possuem o transtorno. Neste caso é importante verificar previamente se o aluno não está apresentando sinais de um distúrbio de aprendizagem.

Dito isto, só reforça-se que as ações do professor são essenciais para o desenvolvimento do aluno, principalmente do dislético. O papel do educador é despertar no aluno sua criatividade, interesse pelo conhecimento e fazê-lo compreender que ele é capaz de construir seu próprio aprendizado. Além de ser fundamental para que o aluno sinta-se incluso dentro da sala de aula.

Como dito anteriormente, por se tratar de uma disfunção neurobiológica, a dislexia não tem cura. Portanto, as ações do docente e da comunidade escolar não irão fazer com que os sintomas da dislexia desapareçam, mas as ações da comunidade escolar em conjunto com a equipe multidisciplinar, que estará assistindo esse aluno, podem amenizar os impactos desse transtorno. Para isso, o professor, que desempenha um papel imprescindível durante o processo de alfabetização, deverá pôr em prática todo o seu conhecimento e esforço.

Para combater a desinformação que ainda acomete diversos professores no Brasil acerca da dislexia, o professor, ou a instituição, deverão investir na formação continuada. Seja com cursos, especializações, ou pesquisas feitas por conta própria, buscando sempre auxiliar da melhor maneira possível aquele aluno, pois antes de rotulá-lo é importante buscar o que o levou ao fracasso escolar.

O professor também precisa estar atento com as cobranças e comparações ao resto da turma feitas àquele educando. Por vezes isso faz com que o dislético sinta-se

incapaz e percebendo que não consegue acompanhar o ritmo de desenvolvimento dos seus colegas de classe. Com isso o aluno entende que não é capaz de aprender, sente-se constrangido e passa a ter uma aversão à escola, conforme dito anteriormente. Esse sentimento concretizando-se pode tornar-se causa da evasão escolar. Problema ainda mais comum em alunos que não possuem um laudo, ou que seus responsáveis e professores sequer imaginem que possuem um transtorno de aprendizagem. Vale ressaltar que é comum casos de disléxicos que adquirem comorbidades psicológicas.

Reforçando o que foi dito anteriormente, Hudson (2019, p.34) afirma “A sua atitude é importante. Seja solidário e otimista e deixe que o aluno com dislexia saiba que você compreende sua dificuldade.”. Estabelecer uma relação de confiança entre professor, aluno e família é crucial para o desenvolvimento de estratégias, que irão resultar no sucesso daquela criança.

De acordo com Rodrigues e Ciasca (2016), há poucos estudos sobre a dislexia na fase adulta, mas sabe-se que a intervenção na fase adulta é muito mais difícil. Isso porque envolve fatores relacionados ao funcionamento e maturação cerebral, além de outras comorbidades psicológicas que associam-se ao transtorno. Com isso, reforça-se novamente a necessidade de uma diagnóstico precoce para uma intervenção adequada à crianças com a probabilidade disléxica.

Tais fatos comprovam a importância do papel do professor, e da comunidade escolar, na prevenção e intervenção adequada para as crianças com transtorno de dislexia, ou em qualquer caso de dificuldade com leitura/escrita. Sobre a prevenção, os autores Muszkat, Rizzutti (2012) afirmam que pode ser realizada através de atividades e orientações específicas, auxiliando dessa maneira na diminuição da ocorrência de problemas graves que a dislexia pode acarretar futuramente no aluno. A intervenção precoce e o pré-diagnóstico são fundamentais para que essa diminuição possa vir a ocorrer. Para isso sugere-se que o professor estimule o aluno com atividades mais lúdicas e concretas, gerando assim uma aprendizagem significativa, que poderá auxiliar a criança no seu processo de alfabetização e letramento sem maiores dificuldades.

Com o exposto, pode-se entender que se há como prevenir, também é possível intensificar os casos mais graves da dislexia. Um fator ambiental que influencia fortemente o distúrbio é a forma como a criança é instruída ao processo de alfabetização. De acordo com Muszkat, Rizzutti (2012) os dois melhores métodos para auxiliar o aluno disléxico são: método multissensorial e método fônico.

- Método multissensorial: é aconselhado para alunos que apresentam dificuldades escolares há mais tempo. Propõem-se a combinar diferentes habilidades multissensoriais para promover a alfabetização. Maria Montessori foi uma das precursoras do método e defendia a participação ativa da criança durante o processo de aprendizagem, de acordo com Muszkat, Rizzutti (2012). Sua principal técnica é voltada para fortalecer a conexão entre leitura e escrita.

- Método fônico: recomenda-se ser ofertado para crianças no início da alfabetização. Também funciona muito bem para crianças sem distúrbios de aprendizagem. Esse possui objetivos de desenvolver as habilidades metafonológicas e grafonêmicas. E com isso, de maneira natural estimular a fala. Sendo dessa maneira recomendado nas diretrizes do British Dyslexia Association, conforme afirma Muszkat, Rizzutti (2012).

Portanto, se através do método fônico a alfabetização estimula-se com instruções para o desenvolvimento da consciência fonológica e habilidades grafonêmicas facilitando dessa maneira a aquisição das habilidades de leitura e escrita, logo teremos uma menor incidência de casos graves da dislexia. Confirmando-se mais uma vez a importância da intervenção precoce e de um olhar atendo do professor ao seu aluno.

7. INTERVENÇÃO NA DISLEXIA

Sabe-se que o docente é uma referência para aquele aluno, portanto deve manter-se otimista e sempre aberto a novas abordagens. A dislexia, apesar de ser conhecida como a mãe dos distúrbios de aprendizagem, ainda é pouco difundida e

estudada pelos profissionais da educação. É fundamental que o professor esteja atento aos sinais, que se iniciam ainda na educação infantil, para buscar sempre um atendimento que favoreça o seu aluno.

Um importante passo do professor que acredita ter um aluno potencialmente disléxico em sala é a avaliação diagnóstica. A avaliação diagnóstica pensada para o aluno servirá como norte para que o professor e toda a comunidade escolar saibam como iniciar o trabalho com aquele aluno. A avaliação deve ser refeita sempre que necessário, a fim de que dessa maneira o professor também possa realizar a sua práxis pedagógica, tendo sempre em mente que é necessário avaliar para incluir.

De acordo com Muszkat, Rizzutti (2012, p.73), “A intervenção parece desempenhar uma ajuda importante para o desenvolvimento dos sistemas neurológicos especializados na leitura eficiente.”. Dessa forma deve-se focar em atividades que estimulem o processamento fonológico e tornando-se benéficas tanto no âmbito clínico quanto educativo na vida daquela criança. Em crianças com dislexia a intervenção deve estar focada no estímulo às habilidades de leitura e processamento fonológico. Tendo como objetivo o estímulo à descoberta e utilização do processo natural e lógico do pensamento na construção das habilidades linguísticas.

Tratando-se de um processo difícil e complicado, ainda mais falando-se do aluno disléxico, todas as atividades de estímulo àquele aluno devem ser feitas de forma lúdica, para que o mesmo possa sentir prazer em aprender a ler e escrever, e até mesmo atribuam significância para tal prática. Assim, percebe-se que o docente deve estar preparado para acompanhar o aluno disléxico, ou direcioná-lo a um diagnóstico preciso. De acordo com a ABD (2009), disléxicos são vistos como NEE – Necessidades Educacionais Especiais, ou seja todo o espaço escolar também deve estar preparado para assistir ao aluno disléxico.

É importante reforçar que a criança não recebe o diagnóstico de dislexia por ter sido alfabetizada de maneira inadequada. A criança nasce e desenvolve-se com a dislexia, por se tratar de uma disfunção neurobiológica. Apesar de existir a possibilidade da tentativa de abrandamento dos casos mais graves, quando utilizado o método fônico na alfabetização, a dislexia irá ocorrer. Com isso, o profissional da educação precisa

aceitar o diferente, estar aberto a novas possibilidades e ideias, além de entender a necessidade de inovar durante o processo de alfabetização.

Para a possibilidade de intervenção, é necessário que o aluno com dislexia seja identificado, o que nem sempre é um processo simples sabendo-se que os sintomas de dislexia não são os mesmos em cada criança e também não aparecem da mesma maneira. Para nortear o docente, Hudson (2019) explica:

“Fique atento a alunos que façam contribuições sensatas e inteligentes em sala de aula, mas que, constantemente, apresentem resultados de testes e exames abaixo do esperado, apesar da dedicação. Eles também parecem cometer erros “bobos” devido à má interpretação de perguntas ou instruções.” (HUDSON, 2019, p.27)

É possível citar como exemplo de intervenção, além da empatia e paciência com o aluno, sentar-se próximo ao quadro para que possa ver claramente o quadro além de evitar distrações. Isso também vale para as avaliações. É interessante que sejam realizadas em um local tranquilo para evitar possíveis distrações do aluno e sem múltiplas questões.

No contexto pedagógico, como a leitura quando ocorre costuma ser lenta e imprecisa, pode-se incentivar o aluno a ler duas vezes. É importante dar mais tempo ao aluno para que ele possa cumprir suas atividades. Utilizar fontes grandes e claras ao imprimir atividades para o aluno, e talvez até em fundos coloridos; não pedir de maneira repentina ao aluno para que leia em voz alta (se for realmente necessário, é importante informar ao aluno previamente e talvez até imprimir em uma fonte maior o texto que o aluno irá realizar a leitura).

Aliando-se à tecnologia, algumas instituições escolares permitem aos alunos com dislexia que utilizem aparelhos eletrônicos para gravar as aulas, ou trechos importantes como trabalhos, para que o aluno possa rever com calma e sempre que necessário. Atualmente também existem alguns *softwares* de conversão da fala em texto que podem auxiliar ao aluno. Além de ser valioso que o professor utilize recursos visuais em suas aulas e ensine de forma multissensorial.

Essas são algumas sugestões de como auxiliar o aluno com dislexia dentro da sala de aula. Visando uma aprendizagem, e principalmente, uma alfabetização sem maiores transtornos e frustrações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento deste artigo foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico para a coleta de dados e informações acerca da dislexia. Procurando-se evidenciar suas causas, consequências, abordagens e possíveis estratégias a serem adotadas, a fim de melhorar a forma como se desenvolvem as práticas pedagógicas com o aluno disléxico, pontuando suas dificuldades e problemáticas.

Com o estudo pode-se compreender um pouco mais sobre os objetivos propostos, como as características e importância do diagnóstico precoce da dislexia. Evidenciando como isso está diretamente ligado ao profissional da educação básica e o desenvolvimento de estratégias junto a esse aluno. Reforçando também a complexidade do processo de identificação da dislexia no ambiente escolar para que o aluno possa receber o atendimento necessário.

Diante de toda a apuração realizada a respeito da disfunção neurobiológica que é a dislexia, pode-se afirmar a importância de um diagnóstico precoce para aquela criança e como isso pode interferir em seu aprendizado durante os anos do ensino fundamental. Quanto mais cedo for realizado o diagnóstico, menos esse aluno sofrerá. Poderão ser evitadas atitudes como rotulações àquele aluno, e desinteresse na aprendizagem por parte do mesmo. Contudo, é importante reforçar que o diagnóstico mais preciso só poderá ocorrer a partir dos 8 anos de idade, pois até esse período a criança ainda encontra-se em processo de alfabetização, podendo sofrer atrasos na linguagem com correção espontânea.

Com o diagnóstico precoce também é possível evitar a evasão escolar, pois muitos alunos não recebem diagnóstico algum e carregam os traumas causados na

sala de aula até a vida adulta. Para o diagnóstico é necessário uma equipe multidisciplinar, que irá aliar-se com a família e o professor, para que possam juntos auxiliar aquela criança da melhor maneira possível.

A dislexia é ainda um desafio, para alunos e professores, mas com maneiras diferenciadas de ensino, é possível mostrar para o aluno que ele consegue aprender a ler e escrever e que sua educação pode ser prazerosa. A comunidade escolar é a responsável pela inclusão escolar daquele aluno. Sendo esse um processo que ocorre principalmente dentro da sala de aula e por isso o professor deve estar atento ao aluno potencialmente disléxico e estar sempre pronto para estimulá-lo e encorajá-lo na sua jornada escolar.

Nesse contexto, se pode observar que o papel do docente na alfabetização escolar do aluno disléxico vai além de ensinar o conteúdo. Envolve a práxis pedagógica, avaliação diagnóstica, inovação, múltiplas abordagens utilizando-se de diferentes métodos e principalmente, muita empatia e respeito por aquela criança.

Observando as características e particularidades da dislexia, suas causas e seus impactos, pode-se então afirmar que este assunto ainda necessita de muita pesquisa e busca de novas e melhores informações sobre o desenvolvimento de estratégias pedagógicas e possíveis maneiras de minimizar os impactos da dislexia na vida do aluno dentro do ambiente escolar.

Desta maneira, esta pesquisa torna-se relevante para orientar profissionais da educação básica que procuram auxiliar alunos disléxicos em sala de aula. Identificando possíveis erros cometidos com aquela criança e de que maneira é possível melhorar e auxiliar no seu desenvolvimento educacional, mostrando-o que a escola é um lugar bom e que ela é capaz de aprender tudo, desde que seja ensinado da maneira correta.

REFERÊNCIAS

ABD- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>. Acesso em: 21. Abril. 2021.

ALTREIDER, Asta. Dislexia: *varlendo* contra o *vendo*. In: ROTTA, Newra Tellechea; et al. **Neurologia e aprendizagem**: abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016.

DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira. GOMES, Annatália Menezes de Amorim. **Transtornos de Aprendizagem na Visão dos Professores**. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273496956_Transtornos_de_Aprendizagem_na_visao_dos_Professores. Acesso em: 28 de junho de 2020.

DAVIS, Ronald D; BRAUN, Eldon M. **O Dom da Dislexia**: Por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

HUDSON, Diana. Dislexia. In: HUDSON, Diana. **Dificuldades específicas de aprendizagem**: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, Tdah, TEA, Síndrome de Asperger, Toc. Tradução de Guilherme Summa. Petrópolis: Vozes, 2019.

MIRANDA, Theresinha Guimarães. FILHO, Teófilo Alves Galvão. **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012.

MUSZKAT, Mauro. RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na Escola: Identificação e Possibilidades de Intervenção. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, Campinas, 2016. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/21/dislexia-na-escola--identificacao-e-possibilidades-de-intervencao>>. Acesso em: 13, março de 2020.

RODRIGUES, Leandro. Dislexia na sala de aula: o que todo professor precisa saber. 2020. Disponível em: <<https://institutoitard.com.br/dislexia-sala-de-aula/>> Acesso em: 26, abril de 2021.

ROTTA, Newra Tellechea; PEDROSO, Fleming Salvador. Transtornos da linguagem escrita: Dislexia. In: ROTTA, Newra Tellechea; et al. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2016.